

Duas vezes Teixeira Coelho



Por CELSO FAVARETTO*

Comentário sobre os livros "Colosso" e "O homem que vive"

1.

Como ocorre em outros livros do autor, aparece em *Colosso* a exigência de atualidade que preside às suas singulares tentativas de configuração de relação com o tempo, a indeterminação dos estados de espírito e a imprecisão dos sentimentos: o insuportável da experiência contemporânea. Neste horizonte, este país, o Brasil, é um motivo sempre privilegiado. Instância, contudo, denegada, com horror, este país é continuamente referido - desbastado porém das características emblemáticas dos discursos oficiais e das imagens turísticas: belo, forte, impávido colosso.

Na forma de um relato, por entre fatos e nomes, livros, quadros e filmes, rastros e vestígios da história deste país são reiterados, rememorados, falsificados e projetados numa superfície em que o curso dos acontecimentos indica um movimento em direção a alguma coisa indeterminada, que não inscreve nada de substancial. Sob o riso sarcástico da história, a narrativa se perfaz por digressões na perseguição de uma moldura que conteria os sinais dessa história toda feita de sintomas, em que a angústia passeia sob o ritmo da repetição dos mesmos tristes périgos.

Na escrita, marcas arbitrárias indiciam um tempo que baixa sobre os personagens sem qualquer fixação, indicando a ausência de qualquer profundidade: referências contextuais e de vidas são caldeadas em fingidas lembranças de peripécias e enganos - pois o narrador se nega a contar a história de uma pessoa e a refletir sobre ela. Blocos descontínuos de supostas experiências, fingindo uma rememoração, cuja eficácia estivesse na busca de uma pupila que as refletisse, figuram uma vida que foge a qualquer identidade, a qualquer retrato de estados de consciência.

Operação de distanciamento, a narrativa não produz efeitos de personificação e nem uma unidade da experiência que pudesse justificar, que desse consistência, que, enfim, representasse a atualidade como um campo de experiências possíveis em que um eu em devir se inscrevesse numa imagem da história.

Mas o livro pode também valer por outra coisa: a persistência da beleza, não como uma espécie de sucedâneo ao fim da possibilidade de representar, de narrar a incomensurabilidade da experiência contemporânea: problematiza especificamente a possibilidade de uma outra ordem de beleza, daquela que infecta a realidade; a beleza que é insolente, às vezes abusiva e cruel; sempre desejável. Parece dizer que a arte não salva nada nem ninguém, mas a beleza surgindo do indeterminado manifesta o impossível.

Pensamento da opacidade, irreducibilidade do não-conceitual, esta arte desce sobre as pessoas como uma nuvem - disse o autor em outro lugar - nomeando o que não se deixa ver. Assim: colossal é a afirmação da beleza, convulsiva ou indiferente, cintilando na obscuridade do presente. Citando e deformando, faz ranger as molduras que circunscrevem as representações de alguns lances, aleatórios, de uma vida: imaginando a plausibilidade de passadas experiências, históricas, amorosas, sexuais.

Na perspectiva do impensável, do imprevisível, do imprescritível, instala-se o engano como vulto da ficção, com que é

a terra é redonda

corroída toda imaginada possibilidade de plenitude ou de pacificação que um dia teria sido possível em existências até gloriosas. Assim, a narrativa vai intensificando a beleza, que, luz do mundo, atesta aquilo de que não se pode nunca escapar.

Ainda: colocando-se sob a perspectiva do presente, o livro indaga se toda esta arte que é referida repetitivamente nos relatos não figura apenas a pulsão que teria conduzido as ações dos personagens. Porque tudo é depois, tudo o que é narrado torna-se interessante: isto é, superficial, curioso, às vezes picante, nada contemplativo, excitando a imaginação, até gerando a impaciência das narrativas policiais: afinal quer-se satisfazer, embalde, a expectativa que se vai montando no enredo, na história dos personagens, o entrelaçamento das paixões e do sentimento de morte, com as narrativas da história desse país.

E tudo isto, e muito o mais que aparece no acúmulo de referências artísticas - que incitam a imaginação ao preenchimento dos relatos inconclusos armados, sempre se abrindo para uma outra hipótese de desenlace dos acontecimentos, que não cabem na narrativa -, afinal se constitui em reflexão sobre ao fracasso da narrativa em contar uma vida: depois de tudo.

2.

Como nos três romances anteriores - Niemeyer, *As fúrias da mente, História natural da ditadura* -, um certo desconforto vai surgindo na leitura de *O homem que vive*; uma certa irritação, que, talvez, provenha do ritmo obsessivo da narrativa, melhor dizendo, da repetição de gestos, da tergiversação que adia a conclusão de um movimento, a segurança de um sentimento, a percepção clara de uma sensação e de um pensamento. Entre o talvez e o apesar de, a difícil coincidência: o narrador, na tentativa de ser contemporâneo de si mesmo, titubeia, como se não fosse possível afirmar nada de definitivo, pois o que acontece só existe como narrativa.

Neste evolver da narrativa, o que se apresenta é uma aposta, um jogo, melhor ainda, uma tentativa de pensar certas experiências modernas projetadas no horizonte de um depois do que em alguns casos virou projeto, a posteriori da emergência das obras, e que hoje, na nossa atualidade, perderam a virulência crítica que os viu nascer como necessidade. E isto é que é fundamental: só se cria por necessidade - e, atualmente, que necessidade há de escrever? Depois das grandes obras que escalavravam a intimidade, a tensão com o social e o político, que funcionavam à imagem de uma totalidade existente ou possível, o que sobrou?

Daí que, conforme a lição moderna, se não são as tiranias da intimidade ou as relações entre subjetividade e contexto sócio-político que ainda podem ser tensionados com interesse, pois dessubstancializados - ainda que permaneçam referências irreduutíveis, uma espécie de fundo que rosna: o mundo de hoje, um país como este, o emperramento da história, o negócio da cultura, a mania de arte e outras coisas mais.

Como memória de atos ou de sensações, o interesse está todo nas maneiras de ver e nos modos da enunciação ("Tudo está no como, tudo está no modo, o segredo está na maneira, o truque está na maneira"), no olhar e suas deformações, compondo uma literatura da "objetividade", centrada na materialidade da palavra. A dificuldade de escrever, que é matéria central também deste livro, está nos talvez, na acentuação das palavras destacadas graficamente, enfim no titubeio, na hesitação - o que talvez tenha muito a ver com a cisão entre o que se observa e o que se sente, entre o pensamento e o ato, como sempre. A cisão moderna do eu é evidente.

Frente a isto tudo, o que aparece na leitura é a tentativa de, pelo atrito da linguagem na experiência, tomar a estética como ética. Uma ética da linguagem e da escrita é o que sobressai, daí a provocada decepção dos desenrolar dos acontecimentos narrados. Deceptionado, o leitor é compelido a reconsiderar a sua busca do assunto narrado, que, entretanto, escapa, é continuamente deslocado e dessubstancializado, o que evidentemente causa irritação, desconforto. Talvez, porque ao invés o que resta e se impõe como assunto não são os acontecimentos, mas a análise prismática dos sentimentos e das sensações.

Importa também notar neste livro, como nos anteriores, o processo de repetição e a angústia que secreta, que vai se difundindo como um dispositivo corrosivo das identidades, escolhas, decisões e objetivos. O leitor está diante de uma sequência de sintomas, que se repetem, indicativos do verdadeiro processo, como vida, que se constrói como linguagem, -

a terra é redonda

uma clara materialização da elaboração freudiana – *Durcharbeitung* –, patente inclusive na atitude de “recoleta”, de recoletar, que aparece logo no início do livro. Daí a comoção: uma escrita comovida que comove, atirando o leitor numa singular sensação, que pensa o insuportável da experiência contemporânea.

***Celso Favaretto** é crítico de arte, professor aposentado da Faculdade de Educação da USP e autor, entre outros livros, de *A invenção de Helio Oiticica* (Edusp).

Referências

Teixeira Coelho. *Colosso*. São Paulo, Iluminuras, 2015, 216 págs.

Teixeira Coelho. *O homem que vive*. São Paulo, Iluminuras, 2010, 256 págs.